

A MASTURBAÇÃO FEMININA E O TABU**FEMALE MASTURBATION AND TABOO****MASTURBACIÓN FEMENINA Y TABÚ**

SOUSA, Ravena Camila Anchiêta de Sousa. ¹ SILVA, Juliana Rodrigues Farias. ²

RESUMO

A sexualidade feminina compreende um tabu ainda no século XXI. Em vista disso, essa pesquisa propôs investigar a ótica da sociedade sobre a masturbação feminina e qual o impacto do preconceito na saúde sexual da mulher. Para essa análise foi utilizada como método de pesquisa a revisão bibliográfica onde os trabalhos foram selecionados a partir dos critérios estabelecidos. A partir do exame do material utilizado em paralelo com a abordagem psicanalítica foi possível observar um preconceito pré-estabelecido desde os primórdios da civilização supostamente sustentados por influências religiosas, como tentativa de justificar essa intolerância.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade. Feminino. Psicanálise. Sociedade.

ABSTRACT

Female sexuality is still taboo in the 21st century. In view of this, this research proposed to investigate society's perspective on female masturbation and the impact of prejudice on women's sexual health. For this analysis, a bibliographic review was used as a research method where the works were selected based on the established criteria. From the examination of the material used in parallel with the psychoanalytic approach, it was possible to observe a pre-established prejudice since the beginnings of civilization, supposedly sustained by religious influences, as an attempt to justify this intolerance.

KEYWORDS: Sexuality. Feminine, Psychoanalysis. Society.

RESUMEN

La sexualidad femenina sigue siendo un tabú en el siglo XXI. Ante esto, esta investigación se propuso investigar la perspectiva de la sociedad sobre la masturbación femenina y el impacto de los prejuicios en la salud sexual de las mujeres. Para este análisis se utilizó como método de investigación una revisión bibliográfica donde se seleccionaron los trabajos con base en los criterios establecidos. Del examen del material utilizado en paralelo al enfoque psicoanalítico, fue posible observar un prejuicio preestablecido desde los inicios de la civilización, supuestamente sostenido por influencias religiosas, como un intento de justificar esta intolerancia.

PALABRAS-CLAVE: Sexualidad. Femenino. Psicoanálisis. Sociedad.

¹ ravenacamila06@gmail.com 1, Faculdade Mauá Goiás/ Graduanda de Psicologia. Orcid: 0009-0007-7911-3014

² j.psicologica@gmail.com 2, Faculdade Mauá Goiás/ Mestre em Psicologia e orientadora. Orcid: 0000-0001-7501-2709

INTRODUÇÃO

Atualmente, as mulheres vêm ganhando mais espaço na sociedade, tanto no âmbito profissional quanto no científico, político e organizacional. Mas, quando se trata de sexualidade, a mulher ainda é reprimida, o desejo feminino é tratado como algo a se manter no sigilo, seja por questões religiosas, ou até mesmo culturais, não havendo uma introdução a respeito do assunto enquanto ainda jovens.

A repreensão da sexualidade feminina pode contribuir para a desinformação a respeito da saúde sexual da mulher, ocasionando bloqueios que interferem diretamente na vida sexual, causando prejuízos psicológicos e fisiológicos. Entender sobre as necessidades sexuais é essencial para que a mulher possa conhecer a si própria e conhecer os seus limites. A falta de libido sexual, e até mesmo a dificuldade em chegar ao orgasmo são consequências pela ausência do autoconhecimento e por se tratar de um tema onde as mulheres não têm a liberdade de se posicionar sem que ocorra uma repreensão (Ferreira; Trindade,2008).

OBJETIVO GERAL

Analisar a masturbação feminina e o tabu que a circunda.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Conceituar o que é sexualidade feminina.
- b) Investigar acerca do posicionamento social a respeito da masturbação feminina.
- c) Apontar como o tabu e a repressão interferem na saúde sexual feminina.

JUSTIFICATIVA

Dentro dos pontos citados anteriormente, falar sobre o assunto pode colaborar para “naturalizar o natural”. Com isso, trataremos sobre a masturbação feminina, que por mais que estejamos no século XXI trata-se ainda de um tabu.

O papel da mulher na história frequentemente era ditado, sobre sua função na sociedade, funções estas diversas vezes vistas como meio de reprodução e objeto de satisfação sexual de seus companheiros, mulheres que buscavam prazer sexual eram consideradas impuras ou indignas de casar e constituir uma família (RAMOS,1998). Apesar de, no século atual, essa concepção não ser tão radical quanto em séculos anteriores, a mulher ainda sofre repressão quando se trata da sua vida sexual.

Com este estudo, espera-se observar uma evolução social acerca da sexualidade feminina, analisando principalmente o que trabalhos atuais discorrem a respeito da masturbação feminina, em como a sociedade contemporânea ainda enxerga esta prática como um tabu e observar em quais áreas da vida dessas mulheres nota-se consequências devido a essas influências externas.

REVISÃO TEÓRICA

Ao discutir sobre sexualidade temos o médico e teórico Sigmund Freud, fundador da psicanálise, como um autor pertinente sobre o assunto, e isso se dá pelos seus estudos a respeito em um século onde este assunto era visto como polêmico. Temos como exemplo sua obra intitulada “Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade” que teve sua 1ª edição lançada no início do século

XX no de 1905. Apesar de atualmente receber críticas por razões de modificações em cada edição, ainda assim sua importância é reconhecida por introduzir a concepção da sexualidade (AMARAL,1995).

Pesquisando sobre o tema na atualidade observa-se a relação de sexualidade/masturbação feminina acompanhada do sentimento de culpa ou submissão, e a sociedade pode ser um fator favoreceu esta convicção, Oliveira et.al (2018, p.305) afirma que “[...] a igreja fomentava a ideia de a mulher ser submissa e não ter poder sobre seu próprio corpo[.]” o que ocasionalmente pode ter contribuído para a deficiência do autoconhecimento. Abordando este tema historicamente percebemos que na vivência sexual da mulher “[...] esteve embasada em padrões morais, éticos [...] com aponta novamente Oliveira et.al (2018, p.305), sendo possível observar esse paradigma em tempos atuais, demonstrando ser um assunto ainda tão polêmico quanto em 1905.

OS CONCEITOS DE SEXUALIDADE FEMININA DE ACORDO COM OS PAR METROS DE SAÚDE E DA PSICOLOGIA.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a sexualidade é expressada pelo sentir e expressar, ou seja, pelas trocas afetivas e físicas com outras pessoas durante a relação sexual. E ainda, conforme ALMEIDA, 2019, p. 4 “[...] abrange não só o ato de prazer, mas o conhecimento do corpo, as construções sociais, como cada um enxerga o seu próprio corpo e as relações com outros seres a sua volta. No entanto, é importante compreender que sexualidade e sexo são coisas diferentes visto que esse último se caracteriza pela diferenciação dos órgãos genitais em masculino e feminino.

Do ponto de vista histórico, a sexualidade feminina passou por uma revolução marcada pela autonomia e empoderamento motivadas pela conquista de direitos. Segundo OLIVEIRA, et al. 2018, p.306 “[...] com a revolução industrial as mulheres conquistaram mais espaços e, dessa maneira, começaram a adquirir independência e autonomia, fato este que ocasionou mudanças nos papéis sociais para homens e mulheres.” Contudo, a sexualidade feminina continua sendo um constructo social fomentado por padrões culturais, comportamentais, religiosos e sexuais que são impostos às mulheres e responsáveis por alimentar estereótipos de gênero (OLIVEIRA. et al., 2018).

É impossível falar de sexualidade sem falar de Sigmund Freud e sua teoria da sexualidade, que representaram um importante avanço na ruptura dos conceitos acerca dessa questão em sua época, principalmente da sexualidade infantil, tornando a discussão ainda mais polêmica, o que confirma a afirmação de OLIVEIRA, et al. 2018, p. 303 de que esse tema “[...] obedece a padrões próprios de determinadas épocas.” Em resumo, Freud propõe que a sexualidade do indivíduo tem seu início na infância nas intituladas fases do desenvolvimento psicosexual que por sua vez possuem impacto no desenvolvimento

psicológico e emocional do indivíduo, podendo afetar sua personalidade e comportamento de acordo com suas vivências.

ANÁLISE DO POSICIONAMENTO SOCIAL A RESPEITO DA MASTURBAÇÃO FEMININA

A masturbação consiste na estimulação dos órgãos genitais, seja ele feminino ou masculino, ou outras regiões erógenas como anus e mamas. Em seu livro “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud enfatiza a masturbação feminina como uma manifestação universal de descargas de excitação sexual da zona erógena dominante (clitóris) que mais tarde deve ser transferida, durante o período de transição de menina para mulher, para outras partes femininas vizinhas através do coito (mais comumente a vagina). Vale a pena destacar que de acordo com a concepção Freudiana ficar retido em alguma das fases psicosexuais ou ainda a falha nessa transferência de alvos sexuais pode colaborar respectivamente para o surgimento de comportamentos sexuais desviantes que impedem o indivíduo de alcançar a satisfação sexual pelo ato sexual propriamente dito ou a frigidez feminina. Ao decretar que o prazer e o orgasmo deveriam estar centrados na vagina Freud limitou a sexualidade feminina e abriu portas para reduzir a importância da anatomia feminina e a imposição de papéis sociais e sexuais permeados pelo machismo. Em síntese, apesar de suas contribuições apenas os aspectos mencionados não são o suficiente para explicar em sua totalidade os tabus sobre a masturbação.

A religião possui uma importante influência social e histórica na construção de um padrão de feminino pautado em virgindade, pureza e submissão. Portanto, a mulher teria de ser e agir como uma propriedade para o homem, encarregada de cuidar da casa e dos filhos e a cumprir com suas obrigações matrimoniais sexuais apenas com fins reprodutivos (ALMEIDA, 2019, p. 5). Essa afirmação confirma a hipótese de que a relação religião-sociedade é parte do problema que estigmatiza a liberdade feminina. Trazendo o ponto de vista médico para essa discussão, “(...) acreditava-se que a masturbação poderia causar cegueira, convulsões, impotência e insanidade mental. Como forma de cura a esta prática insalubre, eram propostas e realizadas circuncisões e castrações em homens e mulheres (DARBY, 2003 in Gerressu, MERCER et al., 2007 apud. COSTA, 2020, p. 11)”.

Adentrando o contexto familiar e cultural pode ser observado segundo ALMEIDA, 2019, p. 6 que “(...) enquanto o homem é incentivado desde pequeno a conhecer o seu próprio corpo, mulheres muitas vezes não sabem nem que a masturbação feminina existe”. Isso colabora de variadas formas para uma repressão da natureza da sexualidade feminina como um todo, além de fortalecer essa atividade em dimensões geracionais. Ademais, pode-se supor que a ignorância e hipocrisia masculina em relação ao feminino estaria na expressão do seguinte pensamento em concordância com GOES, et al., “(...) ao se dar prazer sozinha, a mulher estaria substituindo ou descartando o sexo com o parceiro, uma vez que seria capaz de obter orgasmos e prazer sexual sem a presença deste.”(2021, p. 1111)

De acordo com os aspectos mencionados anteriormente é certo dizer que a conquista de autonomia no âmbito trabalhista em conformidade com a industrialização e a criação da pílula

anticoncepcional possibilitaram as mulheres o direito de escolha, ainda que essa última seja questionada por conta de seus riscos à saúde e também pelo movimento feminista na responsabilidade masculina na prevenção da gravidez (ALMEIDA, 2019). Uma curiosidade que refuta a desimportância dada anatomia feminina e seu prazer é sustentada pelo estudo de O'Connell e o urologista John Hutson em seus estudos com ressonância magnética nesse órgão, onde foi feita a descoberta de que qualquer orgasmo feminino é clitoriano, pois este está localizado dentro da vagina e é por ele que toda mulher sente prazer (ALMEIDA, 2019).

O IMPACTO DO TABU E DA REPRESSÃO NA SAÚDE SEXUAL FEMININA

A carta de Ottawa foi a responsável por estabelecer o conceito de saúde como o completo equilíbrio entre as dimensões física, social e mental humana. Dessa forma, a saúde deve ser assegurada a população em geral de maneira integral, e a sexualidade não pode ser desvinculada do ser em sua totalidade (CARVALHO, 2022).

Atualmente a atenção à saúde da mulher é prestada partindo dos princípios da saúde sexual, reprodutiva, o combate e prevenção da violência doméstica e a prevenção e diagnóstico precoce do câncer do colo do útero e de mama (BRASIL, 2004 apud. CARVALHO, 2022), um grande avanço na mudança dos padrões estabelecidos pela sociedade no que diz respeito a inclusão da vida sexual como um fator de importância.

Como já mencionado anteriormente a sociedade como um todo e seu constante desenvolvimento têm papel fundamental na criação e manutenção de preconceitos e tabus. Essas repressões conduzidas por figuras como a igreja e a família podem gerar neuroses ocasionadas pelo medo e a proibição (COSTA, 2020), que mais tarde servem de arquétipo para julgamentos. Um estudo conduzido pela monografia “Se toca: podcast sobre o tabu da sexualidade feminina” trouxe dados sobre a masturbação feminina que evidenciam que cerca de 40% das mulheres do Brasil não se masturbam com frequência e 19,5% nunca experimentou a masturbação, de qualquer forma que seja. Quando analisados os números entre os homens, apenas 17,3% não se masturbam (ALMEIDA, 2019).

Ainda que dentre os benefícios da masturbação feminina, possa-se citar o fortalecimento do assoalho pélvico, que ajuda a evitar a fuga urinária e previne incontinência urinária decorrente da idade avançada (DIAS, 2018, apud. GOES et al 2021), a prevenção e tratamento de disfunções sexuais, com grande eficácia na terapia para anorgasmia (SERRANO et al., 2017 apud. GOES, et al., 2021), a promoção do autoconhecimento do corpo do sujeito, a liberação de hormônios que promovem o bem-estar e combatem a insônia e a depressão (COSTA, 2020). Além disso, segundo CARVALHO, 2022, p. 21 “(...) auxilia na manutenção da autoestima, inibe a ansiedade, reduz infecções e doenças do trato urinário, previne a incontinência urinária, diminui câimbras do período menstrual, exercita a musculatura pélvica, também é vantajosa para o primeiro parto pois com a pelve fortalecida as contrações uterinas serão mais eficazes. ”

Atualmente a ciência compreende que a sexualidade e o prazer possuem proporções importantes em todas as etapas da vida humana sem distinção de homens e mulheres e que sua prática não

influencia apenas a obtenção de prazer genital, mas a manutenção da saúde física e mental, as relações pessoais e o afeto (CARVALHO, 2022 apud. DE SOUZA et al, 2020). Verifica-se também a importância de os profissionais de saúde orientarem as mulheres sobre este assunto envolvendo toda equipe e especialidades como ginecologia, psicologia e a estratégia de saúde da família como um todo para dar ênfase à integralidade da sexualidade (CARVALHO, 2022).

DISCURSÕES

Apesar de o movimento feminista trazer avanços desde suas origens, a sexualidade é um dos campos onde é possível perceber que a igualdade entre os gêneros realmente não foi alcançada (ALMEIDA, 2019, p. 4). É possível observar nos artigos e na monografia utilizados para fundamentar esse trabalho que todas as informações a respeito dessa temática seguem a mesma linha cronológica dos acontecimentos, desde os primórdios até a situação da sociedade moderna, portanto, houve concordância.

Através de seu livro *“O mal-estar na civilização”* Freud (1930) traz a concepção da religião como um delírio coletivo, ou seja, uma medida paliativa derivada de uma recriação do mundo externo, um delírio em massa que poupa as pessoas de uma neurose individual condicionando-as a uma submissão incondicional. Esses fatores levariam a sociedade a continuar nesse ciclo de repressão, tornando-se evidente que temos todo o conhecimento sobre o tema, mas a solução para isso se encontra dentro da sociedade na subjetividade de cada indivíduo. Como observa-se essa afirmação no seguinte trecho:

É de particular importância o caso em que grande número de pessoas empreende conjuntamente a tentativa de assegurar a felicidade e proteger-se do sofrimento através de uma delirante modificação da realidade. Devemos caracterizar como tal delírio de massa também as religiões da humanidade. (FREUD, 1930, p. 26-27)

Diante disso, a suposição que podemos é que a religião seria a raiz histórica da problemática. O argumento que sustenta essa hipótese se relaciona com a influência que as crenças religiosas têm na sociedade através de regras bem estabelecidas de submissão e devoção, superestimando o homem e diminuindo a mulher para se encaixar num padrão dividido de perfeição, que por sua vez faz parte das concepções da maioria dos contextos familiares tradicionais que continuam sendo passados em níveis geracionais.

CONCLUSÕES

Com base no que foi apresentado, é certo dizer que embora a sexualidade feminina tenha tido avanços na conquista de direitos que possibilitaram liberdade de escolha, saúde e educação sexual, ainda há um longo caminho pela frente. Os preconceitos e tabus construídos pela sociedade em prol da negligência para com o feminino ainda tem raízes fortes e bem estabelecidas que necessitam de intervenções que modifiquem o coletivo.

Portanto, observa-se a necessidade de capacitação profissional para abordar sexualidade feminina nos consultórios de enfermagem durante a consulta ginecológica, sendo a consulta instrumento essencial para desconstrução de estigmas e tabus sobre a temática, além da promoção de ações educativas não somente para mulheres, mas também ao homem, ao casal e em grupo de acordo com a necessidade (CARVALHO, 2022). Além disso, a assistência psicológica é bastante importante no processo de desconstrução de crenças preconceituosas advindas de homens e mulheres e ainda do fornecimento de uma base de apoio livre de julgamentos e psicoeducativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALMEIDA, Marina Pavan. **Se toca: podcast sobre o tabu da sexualidade feminina**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
2. AMARAL, Mônica Guimarães Teixeira do. Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade: um texto perdido em suas sucessivas edições. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 63-84, 1995. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771995000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 17 out. 2023.
3. CARVALHO, Raiane Santos; RAMOS, Elis Milena Ferreira do Carmo. **Saúde sexual feminina: desestigmatização e acessibilidade na Atenção Primária em Saúde**. Centro Universitário FAEMA - Unifaema. Ariquemes/RO. 2022.
4. COSTA, Anne Carolina Magalhães. **MASTURBAÇÃO FEMININA: as construções sociais acerca da sexualidade e autoconhecimento da mulher**. Monografia (bacharel em Psicologia). Centro Universitário Atenas. p. 11. Paracatu, 2020.
5. FREUD, Sigmund. **O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO, NOVAS CONFERÊNCIAS INTRODUTÓRIAS À PSICANÁLISE E OUTROS TEXTOS**. Paulo César De Souza, editora Penguin-Companhia, 1ª edição, 29 novembro de 2011.
6. FREUD, Sigmund. **TRÊS ENSAIOS SOBRE A TEORIA DA SEXUALIDADE, ANÁLISE FRAGMENTÁRIA DE UMA HISTÉRIA (“O CASO DORA”) E OUTROS TEXTOS**. Paulo César De Souza, editora Schwarcz s.a. Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32 04532-002 — São Paulo — sp. 2016.
7. GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 4 ed. 2002.
8. GOES, Fernanda Dantas Nobre. RIBEIRO, Ananda Almeida Santana. MUNHOZ, Felipe Camargo. Masturbação feminina: benefícios, desafios e o papel do profissional da saúde. **Archives of Health**, Curitiba, v. 2, n. 4, p. 1109-1112 special edition, jul. 2021
9. OLIVEIRA, Edicleia Lima de. REZENDE, Jaqueline Martins. GONÇALVES, Josiane Peres. **HISTÓRIA DA SEXUALIDADE FEMININA NO BRASIL: ENTRE TABUS, MITOS E VERDADES**. Revista *Ártemis*, vol. XXVI nº 1; jul-dez, 2018. pp. 303-314. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Josiane-Peres-Goncalves-2/publication/331049914_Historia_da_sexualidade_feminina_no_Brasil_entre_tabus_mitos_e_verdades/links/5f940947458515b7cf99311e/Historia-da-sexualidade-feminina-no-Brasil-entre-tabus-mitos-e-verdades.pdf

10.RAMOS. Fábio Pestana. **História das Mulheres no Brasil**. Revista de História 138 (1998), 133-138.

11.TRINDADE, Wânia Ribeiro. FERREIRA, Márcia de Assunção. **Sexualidade feminina: questões do cotidiano das mulheres**. Texto & Contexto - Enfermagem, 17(3), 417–426. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000300002>. Acesso 5 set. 2023